



AGROECOLOGIA, UMA CIÊNCIA "NORMA(L)CHO"? SOB AS ESCRITURAS CIENTÍFICAS, O ANDROCENTRISMO¹

Héloïse Prévost

Doutora em Sociologia, pesquisadora associada ao Laboratoire Interdisciplinaire Solidarités, Sociétés, Territoires – Lisst (Laboratório Interdisciplinar de Solidariedade, Sociedades e Territórios), Universidade de Toulouse Jean Jaurès.
E-mail: heloise.p@hotmail.fr

RESUMO

"O feminismo tem sido uma corrente importante no pensamento agroecológico" (ALTIERI E ROSSET, 2018) mas parece ter ficado à margem da virada política nos textos científicos agroecológicos. Nesse artigo, analisaremos a partir de uma perspectiva de gênero, a literatura científica de autores "líderes", identificando tanto o androcentrismo do autor quanto o androcentrismo dos textos. Depois mergulhamos nos escritos dos "líderes" para capturar as representações das mulheres rurais e seus efeitos em termos de invisibilidade delas como agentes agroecológicas, sujeitas sabidas e sujeitas políticas.

Palavras-chave: Invisibilização, Androcentrismo, História da agroecologia, Ciência, Feminismo.

AGROECOLOGY, A 'NORMALE' SCIENCE? UNDER SCIENTIFIC LITERATURE, THE ANDROCENTRISM

ABSTRACT

"Feminism has been an important school of thought of agroecological thinking" (ALTIERI AND ROSSET, 2018) but seems to have remained on the margins of the political shift in agroecological scientific texts. This chapter aims to analyse the scientific literature of "leading authors" from a gender perspective by identifying both the androcentrism of the subject-author as well as the androcentrism of texts. Then, we dive into the writings of the "leaders" in order to understand the representations of rural women and their effects in terms of invisibility as agroecologists, subjects of knowledge and political subjects.

Keywords: Invisibilization, Androcentrism, History of agroecology, Science, Feminism.

¹ Publicado inicialmente em: *Les transitions agroécologiques en France – Enjeux, conditions et modalités du changement* (Capítulo 12), coord. editorial por Mehdi Arrignon e Christel Bosc, Presses Universitaires Blaise Pascal, Territoires 2, 2020, p. 211-228



A agroecologia é um "território em disputa" (GIRALDO E ROSSET, 2016). Os conflitos são múltiplos; entre outros, sua definição, sua qualidade enquanto "ciência", quem produz o conhecimento (cientistas e/ou camponeses e povos indígenas), sua finalidade de transformação técnica, ecológica, social e/ou política. Inicialmente vindo da agronomia e ecologia a partir da década de 1930 (GLIESSMAN, 2007), a produção científica expandiu para outras disciplinas no final dos anos 70: sociologia rural, estudos de desenvolvimento, economia ecológica (HECHT, 1995). Nas últimas décadas, novas dimensões foram integradas: ambientais, sociais, econômicas, éticas (WEZEL ET AL., 2009).

Os três atuais "líderes em agroecologia" (WEZEL E SOLDAT, 2009) - devido à suas taxas de publicação - vêm das primeiras disciplinas: Miguel Altieri, agroecologista formado em entomologia; Charles Francis, agrônomo e Stephen Gliessman, agroecologista formado em ecologia vegetal. Todos os três definiram a agroecologia como "a ecologia dos sistemas alimentares" (FRANCIS ET AL., 2003), e depois validaram sua qualificação como "uma ciência, um movimento, uma prática" (ALTIERI E ROSSET, 2018a; FRANCIS E WEZEL, 2017; GLIESSMAN, 2014; WEZEL ET AL., 2009). No entanto, a necessidade de uma apreensão política é afirmada na literatura científica. Esta dimensão é levada em primeiro lugar - por aqueles² mais reconhecidos no campo científico - Gloria Isabel Guzmán Casado, Manuel González de Molina e Eduardo Sevilla Guzmán. Para Guzmán, a equidade na agroecologia é uma questão de "consciência agroecológica" que se baseia na consciência de classe, gênero e identidade resultante das formas da ação coletiva da sociedade civil (SEVILLA GUZMÁN, 2011).

É uma "estratégia metodológica de transformação social" (SEVILLA GUZMÁN, 2006). Os movimentos sociais ou redes agroecológicas afirmam explicitamente o objetivo transformador, como ilustrado na declaração do Fórum Internacional de

² O asterisco indica o masculino e o feminino.



Agroecologia (2015) coordenado por *La Via Campesina*: "A agroecologia é política; nos pede questionar e transformar as estruturas de poder de nossas sociedades³."

Essa virada política da agroecologia é adotada pelos "líderes". Gliessman (2014: xii) enfatiza a necessidade de uma "voz política em estreita conexão com os movimentos sociais". A dimensão ética tem sido defendida por Altieri desde 1980. Seu último trabalho com Peter Rosset afirma a agroecologia como uma "ciência⁴ com uma ética social e ecológica [...] destinada a alcançar sistemas de produção que respeitam a natureza e é socialmente equitativa" (ALTIERI E ROSSET, 2018a). A agroecologia é assim apresentada como uma ciência alternativa, distinta e crítica da ciência convencional (ALTIERI E ROSSET, 2018a; SEVILLA GUZMÁN, 2011), que valoriza as "múltiplas formas de conhecimento de grupos historicamente subordinados" (ibid., p. 14).

Existe, portanto, uma ligação central entre uma "visão política e uma visão de futuro (o movimento), uma aplicação tecnológica (as práticas) para alcançar as metas, e os meios para produzir conhecimento (a ciência)" (WEZEL ET AL., 2009: 511). Mas a "consciência de gênero" (SEVILLA GUZMÁN, 2011) enunciada pel*s autor*s lutam para ser integrada, particularmente em espaços e práticas científicas. No VI Congresso Internacional da SOCLA (Sociedade Científica Latino-americana de Agroecologia), em Brasília, em 2017, foi realizada uma mesa redonda sobre a história da agroecologia, com convidados exclusivamente masculinos e sem menção à contribuição das mulheres.

O protesto das participantes foi tão forte que a Declaração Política de encerramento do Congresso indicou o compromisso da organização em lutar pelo

³ <http://www.pfsa.be/spip.php?article1188>

⁴ Seguindo a proposta de Soldat e Wezel, op. cit., usamos o termo "líder" no restante do texto para nos referirmos a Altieri, Francis e Gliessman.



"desmantelamento do patriarcado, do racismo e de outras formas de exclusão presentes no sistema alimentar". Qual é a situação nas áreas de promoção científica da agroecologia? Recentemente, Altieri e Rosset têm argumentado que "o feminismo tem sido uma corrente importante do pensamento agroecológico e pode tornar-se um elemento importante dos processos agroecológicos, enquanto que estes processos podem contribuir para fortalecer o feminismo" (ALTIERI E ROSSET, 2018 : 100). Será que o feminismo permaneceu nas margens desta viragem política em agroecologia, particularmente na sua dimensão reflexiva? Demonstrar a natureza androcêntrica da ciência é uma tarefa difícil (CONNELL, 1992-2) por causa do mito da neutralidade científica. Um olhar reflexivo sobre os espaços científicos hegemônicos e sobre a construção dos conhecimentos permanece nas margens da maioria dos trabalhos científicos. *Ao contrario do que ocorre nos estudos feministas pós-colonial onde é constitutivo*⁵. Já na década de 1980, análises detalhavam os preconceitos das diferentes disciplinas e áreas científicas.

O androcentrismo⁶ – muitas vezes recorrente nas ciências se definem a partir do masculino e definem o pensamento como neutro ou universal – isso ocorre na ciência alternativa proposta pela agroecologia? Como funciona o campo científico para construir a dimensão política, ética e transformadora que anuncia? Até que ponto a "consciência de gênero" está integrada? Se muitos artigos questionaram a agroecologia

⁵ Veja, por exemplo, o trabalho de Yuderkys Espinosa Miñoso, Rita Segato, Brendy Mendoza, María Lugones, Ochy Curiel, Arturo Escobar, Catherine Walsh, etc.

⁶ O androcentrismo é "um viés teórico e ideológico que se concentra principalmente e às vezes exclusivamente nos sujeitos masculinos e nas relações que se estabelecem entre eles". Nas ciências sociais, isto significa a tendência a excluir as mulheres dos estudos históricos e sociológicos e a prestar uma atenção inadequada às relações sociais em que se encontram."(Pascale Molyneux, 1977; citada por MATHIEU 1991_2013).



como uma ciência, este capítulo a examina como "ciência norma(l)cho"⁷ (CHABAUD-RYCHTER ET AL., 2010), através da análise do androcentrismo presente ou superado por cientistas.

Questiono tanto a representatividade apresentada quanto as conceitualizações de gênero desenvolvidas pelo campo científico. Para isso, mobilizo a sociologia das ausências (SANTOS, 2002), alimentada por contribuições científicas feministas que demonstram que o que não existe é, na verdade, produzido ativamente como tal: as ausências são socialmente construídas. Através da análise da literatura científica dos líderes, vou por um lado, sondar as lógicas de visibilização hegemônica que produzem e legitimam as formas sociais da não-existência; por outro lado, vou colocar em destaque as ausências e desclassificações.

Isso significa se interessar pelas práticas científicas refletidas nos escritos, mas também no conteúdo dos escritos. Estudo em um primeiro tempo a produção de gênese histórica da agroecologia pelos líderes a fim de compreender as lógicas de visibilidade e invisibilidade dos autores. Quem é representad* como parte da história? Para isso, analiso cinco listas de "trabalhos importantes na História da Agroecologia", publicados entre 1998 e 2014 pelos três "principais autores da publicação"⁸, Altieri, Francis e Gliessman. Coloco estes resultados em paralelo de dois capítulos de livros sobre história do pensamento agroecológico, publicado em 1995 e 2018. Em um segundo tempo, mergulho nos escritos dos líderes a fim de compreender as representações das mulheres rurais e seus possíveis efeitos sobre as mulheres

⁷ Este título de artigo e essa expressão refere-se a um artigo de Chabaud-Rychter et al., 2010, que faz um jogo de palavras em francês com as palavras "normal" e "mâle" [macho], escrevendo *normâle* [normal+macho, norma(l)cho] sublinhando que a normalidade socialmente construída é, de facto, uma realidade masculina.

⁸ Soldat e Wezel (2009) identificam Altieri, Francis e Gliessman como os três primeiros nomes na lista dos "principais autores de publicações", ou seja, aqueles com mais publicações científicas onde os termos "agroecologia" ou "agroecológico" aparecem no título ou nas palavras-chave do autor.



agricultoras e sobre as leitoras. Cito exemplos da literatura científica feminina e feminista em agroecologia, apresentando uma representação alternativa.

As referências latino-americanas são aqui privilegiadas a fim de realçar a existência destas obras, que muitas vezes são anteriores às referências europeias mobilizadas na literatura científica, mas que, no entanto, são quase sistematicamente ignoradas pelos "líderes". Além disso, a visibilidade destas referências faz parte da nossa escolha de uma "ecologia do conhecimento" como postura científica.

2. Os sujeitos legítimos da agroecologia: a produção dos líderes

"A ciência de quem, o conhecimento de quem?" pergunta Sandra Harding (1991). Nesta primeira parte, identifico o lugar que as mulheres ocupam na agroecologia com base na produção das "genealogias" do pensamento agroecológico.

a) Agroecologia: onde estão as mulheres? Visibilidade científica e as suas lógicas

Entre 1998 e 2014, foram publicadas listas de obras "significativas" por líderes, bem como no artigo de Wezel et al, que se tornou incontornável. Estas referências permitem-nos apreender quaisquer mudanças na legitimidade conferida aos textos.

As listas são:

- 1) As "Obras Importantes na História da Agroecologia" (GLIESSMAN, 1998);
- 2) As "Publicações de referência utilizando a palavra ou conceito de agroecologia" (FRANCIS ET AL., 2003) com Gliessman e Altieri como co-autores e que é uma modificação da publicação de 1998;
- 3) Os "Trabalhos Importantes na História da Agroecologia" (GLIESSMAN, 2007);



- 4) Os "Trabalhos Importantes na História da Agroecologia" (WEZEL ET AL., 2009) com Francis como co-autor e que é uma adaptação da publicação de Gliessman de 2007;
- 5) Os "Trabalhos Importantes na História da Agroecologia" (GLIESSMAN, 2014).

Primeiro elemento essencial: todas estas listas se baseiam no trabalho de Gliessman. Não que não haja outras: Susan Hecht publicava em 1995 um capítulo de livro dedicado a esse campo de estudos, mas a centralidade do autor neste campo científico faz prevalecer a sua singularidade. As listas publicadas por Gliessman, no entanto, não fazem nenhuma menção aos critérios de seleção dessas "obras importantes da História de Agroecologia". Francis et al. visaram apenas publicações utilizando o termo "agroecologia" sem clarificar os critérios de seleção. As escolhas feitas para "adaptar" a lista de Gliessman (2007) não são indicados por Wezel et al.

Quantas mulheres autoras constam destas listas? É através de pesquisas na Internet (consulta das páginas universitárias de cada autor*, perfis na redes sociais acadêmicas como *Research Gate*) que os nomes e a identidade de gênero foram assignados⁹. A primeira revisão de Gliessman (1998) não inclui nenhuma mulher.

Na sequência desta lista, são propostas dez "Recomendações de leitura" (1998: 16): nenhuma mulher está incluída. Em 2007, é citada uma mulher: Diane Rickerl, co-autora com Francis (2004). Do mesmo modo que a publicação anterior, treze "Recomendações de leitura" são propostas, incluindo dois livros com uma co-autora mulher: Sandra Postel, *Rivers for Life: Managing Water for People and Nature* (2003) e Diane Rickler, indicada na lista, *Agroecosystem Analysis* (2004). Não há qualquer menção à razão pela qual o livro de Postel está classificado nas leituras recomendadas

⁹ A fim de demonstrar uma ausência construída do grupo social de pessoas designadas como mulheres, utilizo uma estratégia do essencialismo: faço uma assignação metodológica a uma identidade de gênero de acordo com um esquema binário. Este método não diz nada sobre a identidade de gênero com a qual as pessoas se identificam.



e a sua ausência dos "trabalhos importantes". Naquele momento, Gliessman já tinha sido co-autor de um artigo com três autoras: Patricia Allen, Debra Van Dusen e Jackelyn Lundy; Altieri tinha publicado anteriormente com Susan Hecht: referências que apenas o artigo de Francis et al. qualifica como "publicações de referência".

Alguns autores aparecem e depois desaparecem nas listas. Esta comparação salienta que não se trata de uma ausência de trabalho realizado pelas mulheres cientistas na agroecologia ou a ausência de mulheres na agroecologia, mas sim práticas que levam à invisibilidade delas. Por exemplo, o artigo por Francis et al. identifica mais mulheres do que os artigos de Gliessman (1998, 2007) e Wezel et al., embora cite apenas publicações que utilizam o termo "Agroecologia".

Quadro 1: Representação feminina em trabalhos que propõem uma apresentação da "História" da agroecologia científica



Referência estudada	1) Gliessman, 1998	2) Francis et al., 2003	3) Gliessman, 2007	4) Wezel et al., 2009	5) Gliessman, 2014
Período abrangido	1928-1984 (56 anos)	1928-2002 (74 anos)	1928-2004 (76 anos)	1928-2007 (79 anos)	1928-2013 (85 anos)
Ano em que as contribuições das mulheres apareceram	/	1990	2004	2003	1999
- Número de referências com participação de mulheres/ número total de referências - Referências com a participação das mulheres	0/18	3/29 *Allen, Dussen, Lundy & Gliessman, 1990 *Altieri & Hecht, 1990 *Flora, 2001	1/24 *Rickerl & Francis, 2004	1/31 *Francis et al., 2014	5/37 *Guzmán-Casado, González de Molina, Sevilla- Guzmán, 1999 *Francis et al., 2003 *Rickerl et Francis, 2004 *Wezel et al., 2009 *Mendez et al, 2013
Número de co-autoras mulher entre as referências citadas e nomes	0	4 *Patricia Allen *Debra Van Dusen *Jackelyn Lundy *Susan Hecht	1 *Diane Rickerl	4 *Cornelia Flora *Mary Wiedenhoeft *Nancy Creamer *Diane Rickerl	7 *Gloria I. Guzmán-Casado *Cornelia Flora *Mary Wiedenhoeft *Nancy Creamer *Diane Rickerl *Dominique Vallod *Roseann Cohen
Número de autoras (unicas) e nomes	0 /	1 *Cornelia Flora	0 /	0 /	0 /
Número de mulheres entre tod*s os autor*s citad*s ¹⁰	0/20	5/35	1/25	4/42	7/56
Percentagem de menções de mulheres em relação ao total de autor*s citad*os	0 %	14 %	4 %	9,5 %	12,5 %
Número total de mulheres que aparecem nas diferentes fontes					11

¹⁰ Nomes de autor*s que aparecem na lista.



Poder-se-ia perguntar por que os 65 artigos científicos e 17 livros de Susan Hecht publicados entre 1979 e 2016 não chamaram a atenção dos autores destas listas. Como explicar, então, a ausência de Clara Nicholls, quando é uma d*s co-autor*s mais frequentes de Altieri¹¹ e que a terceira referência de Altieri mais frequentemente citada é o livro co-escrito com Clara Nicholls em 2004¹².

A falta de interesse nos trabalhos de Ana Primavesi também suscita questões: ela publicou 11 livros, 94 artigos científicos no Brasil e em revistas internacionais. Recebeu o prêmio "One World Award" (2015) da Federação Internacional dos Movimentos da Agricultura Biológica (Ifoam) e co-fundou diferentes organizações como o Movimento Agroecológico Latino-americano (MAELA). Entre as suas obras mais conhecidas encontram-se: *Agroecologia: Ecosfera, Techno-Sfera e Agricultura* (1997) e *Gestão Ecológica do Solo* (1984). É descrita como uma "pioneira da agroecologia no Brasil" pelo *Brasil da Fato*¹³. Estas ausências parciais ou totais são produzidas pelos autores. Nos interessam os mecanismos que os provocam.

b) Atrás de cada grande homem, há uma mulher: a atribuição de mulheres a segundos papéis

Como analisar a escassa presença das mulheres em trabalhos qualificados de importância na agroecologia? Certamente, as mulheres publicam menos devido a mecanismos estruturais de dominação (barreiras no acesso à formação, interiorização

¹¹ Referência de « Top co-autor*s » na sua página respectiva no *Researchgate* (58 referências).

¹² *Biodiversity and pest management in agroecosystems*, 1166 citações referenciadas no *Google Scholar* (consultado o 07/03/2019).

<https://www.brasildefato.com.br/2017/10/03/ana-maria-primavesi-pioneira-da-agroecologia-no-brasil-completa-97-anos/>, acesso o 12/05/2018.



de papéis de gênero, teto de vidro¹⁴, sensação de isolamento e exclusão dentro dos grupos de pesquisa, desconforto com a cultura masculina dos grupos de investigação, incompatibilidade com a conciliação trabalho-família¹⁵, etc.)¹⁶. No entanto, a reduzida presença nas listas estudadas é uma indicação de baixa citação científica. Esta invisibilidade é causada pelas lógicas da auto-citação, de citações privilegiadas dos líderes e a assignação das mulheres à co-autoria.

Em primeiro lugar, os líderes mobilizam muita auto-citação. Para Gliessman: 2 (auto)citações de 20 autores em 1998, 3/25 em 2007, 7/56 em 2014, 6/35 no artigo colectivo de Francis et al. (2003) onde Gliessman e Altieri são co-

¹⁴ O teto de vidro refere-se às barreiras visíveis e invisíveis que separam as mulheres no topo das hierarquias profissionais e organizacionais. Embora a percentagem de mulheres em profissões qualificadas tenha aumentado, continua existindo um teto de vidro independente de critérios objetivos de mérito como o diploma: "As mulheres continuam sendo cada vez menos numerosas à medida que aumenta a hierarquia. As organizações são também lugares onde se desenvolvem relações de poder e processos informais, frequentemente desiguais, que determinam o acesso a posições de poder. Uma série de regras que são dadas como neutras são de facto regras masculinas, historicamente modeladas em modelos masculinos. "(Ver Jacqueline Laufer, "La construction du plafond de verre : le cas des femmes cadres à potentiel » [A construção do teto de vidro: o caso das mulheres gestoras com potencial] *Travail et Emploi*, n.º 102, p. 31. A nível universitário, a evaporação das mulheres em todas as fases da carreira académica (doutoramento, pós-doutoramento, primeira posição, cargos de responsabilidade) é um fenómeno internacional (ver Latour, Emmanuelle. "Le plafond de verre universitaire: pour finir avec l'illusion méritocratique et l'autocensure » [O teto de vidro da universidade: acabar com a ilusão meritocrática e a auto-censura], *Mouvements*, vol. 55-56, n.º 3, 2008, p. 53).

¹⁵ Tanto a carga material como mental, da esfera familiar é atribuída principalmente às mulheres. Ainda hoje, as mulheres continuam desempenhando a maioria das tarefas domésticas e parentais - 71% e 65% respectivamente na França (ver *Le temps domestique et parental des hommes et des femmes : quels facteurs d'évolution en 25 ans?* [O tempo doméstico e parental de homens e mulheres: quais fatores mudaram em 25 anos?] *Économie et statistique* No. 478-479-480, 2015). Enquanto a maternidade quase sempre dificulta a carreira das mulheres, o mesmo não ocorre com os pais: em certas profissões com responsabilidades, os homens mais férteis são aqueles que atingem os cargos mais elevados (ver Gadéa, Charles, e Catherine Marry. "Les pères qui gagnent. Descendance et réussite professionnelle chez les ingénieurs" [Os pais que ganham. Descendência e Sucesso Profissional em Engenharia], *Travail, genre et sociétés*, Vol. 3, n.º 1, 2000, pp. 109-135).

¹⁶ Ver, entre outros (LOBER NEWSOME 2008; MASON ET AL. 2013; MUHS ET AL. 2012; WILLIAMS ET AL. 2014).



autores. No artigo de Wezel et al, Gliessman é citado seis vezes em 42 autores. Para Altieri: 1/20 (1998), 3/35 (2003: auto-citação), 2/25 (2007), 3/42 (2009), 3/56 (2014). Considerando todas as listas, as citações de Gliessman e Altieri são as mais numerosas.

Em quase todos os campos da ciência, os homens citam muito mais os próprios trabalhos do que fazem as mulheres¹⁷. Esta lógica também se aplica à agroecologia. No seu estudo genealógico, Susan Hecht (1995) cita a si própria apenas uma vez entre 491 referências. No seu capítulo análogo (Altieri e Rosset, 2018b), Altieri se auto-cita 17 vezes em 112 referências na bibliografia. Alguns livros têm apenas um autor mencionado, enquanto as mulheres estavam envolvidas na escrita do livro: por exemplo, Hecht estava envolvida na escrita de 13 dos 18 capítulos de "Altieri" *Agroecology: the scientific basis of alternative agriculture* (1990).

Através da auto-citação, os líderes reafirmam a sua predominância neste domínio, constituindo um colectivo cognitivo (MILARD, 2012). Número e importância estão aqui associados: Gliessman, Altieri e Francis são os mais prolíficos e são citados/se citam entre as publicações importantes. Este jogo de citações produz um "efeito Mateus", um sobre reconhecimento daqueles que se encontram no centro deste campo científico.

Em segundo lugar, as mulheres são pouco citadas e atribuídas a papéis secundários. A hiper visibilidade destes poucos autores opera como navios comunicantes com a invisibilidade de outras autoras, gerando uma "subestimação sistemática das contribuições das mulheres para a ciência", um "efeito Mathilda" (ROSSITER, 2003). As mulheres são responsáveis por entre 0%

¹⁷ Molly M. King et al., « Men Set Their Own Cites High: Gender and Self-Citation across Fields and over Time », *Socius*, nº 3, 2016, p. 1-22.



e 12,5% das citações nas listas estudadas. São inexistentes como autora única, com uma exceção: Cornelia Flora que aparece em uma revisão (2003).

Com duas exceções, são citadas quando são co-autores dos líderes. No entanto, algumas delas escreveram uma série de livros/artigos em seu próprio nome. Por exemplo, Hecht publicou 44 artigos revistos por pares e sete livros como autora única¹⁸. Esta é uma escolha feita pelos autores das listas, que apresentam apenas as publicações em que os líderes são privilegiados. Isto reafirma a legitimidade deles, relegando simultaneamente as mulheres para o estatuto de co-autoras de líderes.

Trata-se de um processo de "acumulação de vantagens": os autores que já gozam de uma certa visibilidade e legitimidade são mantidos. Este jogo de acumulação prejudica aquelas que são menos visíveis e visibilizadas ao lado deles, por vezes sem estatuto e legitimidade. A co-assinatura de um trabalho científico com um autor reconhecido como importante não é, portanto, necessariamente uma vantagem para uma cientista, mas continua a ser um instrumento para uma visibilidade inicial e para reafirmar a notoriedade.

A lógica da invisibilização do trabalho de mulheres cientistas atesta a persistência e prevalência de um "efeito Mathilda". Ao mesmo tempo, constrói uma representação das mulheres como incapazes de serem líderes cientistas: a sua inexistência nestas listas como autora única produz e reforça os "preconceitos de identidade negativos"¹⁹.

Os homens são vistos como atores das publicações, enquanto as mulheres são vistas como colaboradoras das publicações. Para além de alimentar este

¹⁸ CV em linha : <https://ucla.app.box.com/s/qcu7uo435rgymtt0gmi85v6c9a0kww39>, acesso o 05/03/2019.

¹⁹ Um "preconceito de identidade negativo" refere-se ao fato de um orador ser desacreditado na sua capacidade de fornecer conhecimentos devido a um preconceito de identidade detido pelo ouvinte. O preconceito altera o juízo do ouvinte sobre a credibilidade do orador (ver Miranda Fricker, *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing*, Oxford: Oxford Univ. Press, 2007).



estereótipo de gênero, este mecanismo produz efeitos em todo o grupo social de mulheres: a capacidade das mulheres para transmitir conhecimentos é minada, a sua representação como conhecedoras é degradada (FRICKER, 2007).

A falta de modelos positivos conduz à autocensura por parte de outras mulheres. Boulaine (1989) afirma que um bom método para ilustrar a evolução histórica de uma disciplina científica é analisar a história das pessoas envolvidas (citado por WEZEL E SOLDAT, 2009). A história das pessoas envolvidas, tal como construída por estas listas, é, portanto, uma história da agroecologia sem mulheres.

Trata-se da produção de um espaço não misto onde não têm lugar para elas, não são legítimas e não produzem conhecimentos nesta área. No entanto, outras histórias são possíveis.

Uma abordagem descompartmentada das disciplinas oferece outra representação: uma escolha feita por Hecht na sua análise da evolução do pensamento agroecológico (1995). Numa revisão da literatura fornecida (491 referências bibliográficas), ela cita trabalhos que são centrais para a compreensão de uma crítica agroecológica: a filósofa ecofeminista Carolyn Merchant; o livro pioneiro de Rachel Carson *Silent Spring*; as obras fundamentais de Carmen Deere (1982), Lourdes Benería (1984), Joyce Moock (1986) sobre a divisão sexual do trabalho rural e seus efeitos; a obra da antropóloga Audrey Richards (1939).

Na seção de estudo de caso dos EUA, Wezel et al. também citam o livro de Carson, assim como Charlotte Perkins Gilman's *Herland* (1915) e *Woman on the Edge of Time* de Marge Piercy (1976). Altieri e Rosset adotaram recentemente esta abordagem: a representação feminina aí apresentada é mais significativa. Estes exemplos demonstram o obscurecimento de obras importantes escritas por mulheres em listas bibliométricas com poder de autoridade científica.

**Quadro 2:** Representação científica feminina em Altieri e Rosset

Referência	Altieri et Rosset 2018 « História e correntes do pensamento agroecológico »
Período abrangido	1928-2016 - 88 anos
Ano em que as contribuições das mulheres apareceram	1949
- Número de referências com participação de mulheres/ número total de referências - Referências	32/104 <i>*Altieri, Letourneau, Davis 1983</i> <i>*Altieri and Nicholls 2004</i> <i>*Astier et al. 2015</i> <i>*Balfour 1949</i> <i>*Carson 1962</i> <i>*Desmarais 2007</i> <i>*Francis et al. 2003</i> <i>*Guterres 2006</i> <i>*Guthman 2014</i> <i>*Hecht 1995</i> <i>*Holt Giménez, Shattuck 2011</i> <i>*Kremen 2015</i> <i>*Lappé, Collin, Rosset 1998</i> <i>*Letourneau et al. 2011</i> <i>*Machín Sosa et al. 2013</i> <i>*Mader et al. 2002</i> <i>*Martínez-Torres, Rosset 2010, 2012, 2014</i> <i>*Méndez et al. 2013</i> <i>*Merchant 1981</i> <i>*Mies y Shiva 1993</i> <i>*Perfecto, Vandermeer, Wright 2009</i> <i>*Pingali, Hossain, Gerpacio 1997</i> <i>*Scherr, Mcneely 2003</i> <i>*Shiva 1991, 1993</i> <i>*Siliprandi 2009, 2015</i> <i>*Siliprandi, Zuluaga 2014</i> <i>*Toledo et al. 1985</i> <i>*Wezel 2009</i>
Número de co-autoras mulher entre as referências citadas e nomes	37 <i>*Julia Carabias</i> <i>*Elizabeth Jiménez Carmona</i> <i>*Roseann Cohen</i> <i>*Martha Constanza Daza</i> <i>*Nancy Creamer</i> <i>*Selene Escobar</i>



	<ul style="list-style-type: none">*Cornelia Flora*Roberta V. Gerpacio*Guterres²⁰*María V. González*Lucie Gunst*Catalina Gutiérrez*Adilén María Roque Jaime*María Elena Martínez-Torres*Frances Moore Lappé*Deborah K. Letourneau*Dana Rocío Ávila Lozano*Cristina Mapes*Jessica López Mejía*María Mies*Mirna Ambrosio Montoya*Helda Morales*Clara Nicholls*Ivette Perfecto*Janine Herrera Rangel*Aleyda Maritza Acosta Rangel*Diane Rickerl*Beatriz Salguero Rivera*Sara J. Scherr*Annie Shattuck*Vandana Shiva*Emma Siliprandi*Lorena Soto*Alba Marina Torres*Dominique Vallod*Mary Wiedenhoeft*Gloria Zuluaga
Número de autoras (unicas) e nomes	9
	<ul style="list-style-type: none">*Eve Balfour*Rachel Carson*Annette Aurélie Desmarais*Julie Guthman*Susanna Hecht*Claire Kremen*Carolyn Merchant*Vandana Shiva*Emma Siliprandi

²⁰ Ivani Guterres finalizou os escritos de seu falecido marido Enio Guterres e coordenou a publicação do livro. Contamo-la como co-autora.



Número de mulheres entre tod*s os autor*s cidad*s e pourcentage	44/176 25 %
---	----------------

Nessa lista, a primeira referência de autora data de 1949: *La tierra viviente* de Eve Balfour. De um total de 176 autores, 44 mulheres estão presentes, ou seja, 25%. Nove mulheres são as autoras únicas, 37 são co-autoras. Nicholls e Deborah K. Letourneau estão presentes. Esta última publica análises sobre agrossistemas desde 1966 (152 publicações referenciadas no *Google Scholar*): a sua contribuição aparece finalmente. São citadas autoras ecofeministas: Merchant, Vandana Shiva, María Mara Mies.

Finalmente, o importante trabalho da brasileira Emma Siliprandi sobre a participação política agroecológica das mulheres rurais encontra o seu lugar neste capítulo. Quando estes resultados são tomados em conjunto com os das listas anteriores, são mencionadas 48 autoras. Assim, um elemento central na construção de uma agroecologia ética é quebrar o "efeito Mathilda". No entanto, a invisibilidade construída através da valorização dos líderes é apenas uma das dimensões de uma ciência transformadora sobre questões de gênero: as representações feitas nos textos são a outra contraparte desta lógica.

3. As mulheres nos textos agroecológicos: a produção das inexistentes

O androcentrismo é expresso de modo consciente ou inconscientemente nas práticas científicas, bem como nos produtos científicos: "pode ser concebido como uma mudança ideológica por parte do autor, mas esta mudança tem efeitos teóricos que são transferidos para os textos. É por isso que é legítimo falar tanto do androcentrismo do autor como do androcentrismo de um determinado texto ou teoria" (MOLYNEUX, 1977; citada por MATHIEU, 1991_2013). Olhando para a conceptualização de gênero nos escritos agroecológicos, pretende-se identificar



os mecanismos androcêntricos ativos. Como são apreendidos os papéis e as contribuições das mulheres nas populações estudadas? Como estão representadas as mulheres na literatura? Apesar de um objetivo de equidade inerente ao caráter da agroecologia, alguns escritos podem levar a uma invisibilização das mulheres como agentes da agroecológicas, e do conhecimento e a uma reificação das atribuições de gênero. Para apoiar a minha argumentação comparo exemplos de trabalhos, particularmente na América Latina, que contrariam esta construção de não-existência (SANTOS, 2002).

a) Invisibilizar as mulheres atrizes da agroecologia

O androcentrismo pode ser expresso de várias formas. Em primeiro lugar, pode materializar-se no desaparecimento da categoria feminina como sujeito social, através de uma generalização do masculino e de uma particularização do feminino. Em segundo lugar, as mulheres podem ser efetivamente invisíveis. Isto pode envolver a sua não integração através de uma universalização teórica abusiva; invisibilização como trabalhadoras através da naturalização de certas tarefas (e, portanto, o seu não reconhecimento como tarefas de trabalho); invisibilização através de uma simples desatenção ao seu papel ativo (MATHIEU, 1991_2013).

No trabalho dos líderes, surgem diferentes formas. Em primeiro lugar, as mulheres estão, em geral, ausentes, invisíveis, não mencionadas. Nos trabalhos de Gliessman, duas ocorrências da palavra "mulher[s]" aparecem em 1998²¹, quatro em 2007 e quatro em 2014. Não há citações da palavra "mulher[s]" nos

²¹ Pesquisa por termos: *woman, women, feminine, female* nos livros do *Google books* para o trabalho de Gliessman. As ocorrências do termo *female* que se referem à vegetação foram descartadas. Pesquisa de palavras-chave em outros artigos, em espanhol para o trabalho de Altieri e Rosset. Recherche des termes : *woman, women, feminine, female* dans *Google books* pour les travaux de Gliessman.



artigos de Francis (2003). Uma menção em Wezel et al (2009) com Marge Piercy's livro (1976) *Woman on the Edge of Time*.

O último livro de Altieri (2018) tem dez ocorrências: cinco estão concentradas na mesma página na seção sobre ecofeminismo, retomando assim o trabalho das autoras feministas: Mies Mies, Vandana Shiva, Emma Siliprandi, Patricia Gloria Zuluaga; mas também do autor colombiano Omar Giraldo.

Além disso, a invisibilização ocorre devido à generalização do masculino, que se pensa neutro. As mulheres são pressupostas a serem incluídas na universalidade que a escrita ao masculino supostamente representa.

Em Gliessman (1998), uma nota específica que a utilização de "he" [ele] ou "his" [seu] é motivada por questões de "brevidade", mas que estas se aplicam tanto a homens como a mulheres. Esta menção ao genérico masculino desaparece nas reedições de 2007 e 2014.

O "geral e o masculino são pura e simplesmente identificados, levando inconscientemente à obliteração da categoria feminina como sujeito social" (MATHIEU, 1991-2013). A utilização deste masculino provoca um simples desaparecimento das mulheres como agentes agroecológicas. A sua invisibilidade nos textos refere-se e reforça a sua invisibilidade social como trabalhadoras rurais e cidadãs (NEVES E MEDEIROS, 2013). A invisibilidade das mulheres nos textos reflete e reforça a sua invisibilidade social enquanto trabalhadoras rurais e cidadãs (NEVES E MEDEIROS, 2013). Como salienta Maria I. Paulilo (1987), a falta de estudos sobre as mulheres rurais explica o descuido com que são tratadas na sua realidade social. O indivíduo considerado representante da família e da instituição comunitária é o homem (marido, filho, irmão): ele é o sujeito político e social (Galgani, 2011).

No entanto, há contra-exemplos, especialmente entre as autoras acima mencionadas. Em 1978, Cornelia Flora e Sue Johnson publicaram "*Discarding the distaff: new roles for rural women*". Em 1985, em *Women as food producers in*



developing countries (Monson), Hecht dedicou um capítulo à participação das mulheres no sector da pecuária na América Latina. Em 1990, Hecht e Altieri explicam "Quem são as mulheres agricultoras? Factores que diferenciam a participação das mulheres na produção agrícola" (1990).

A documentação das mulheres rurais enquanto atrizes continua a ser da carga exclusiva das mulheres autoras. O trabalho de visibilização das mulheres rurais é realizado por mulheres cientistas que sofrem, elas próprias, de invisibilização: quer sejam sujeitas ou autoras, as mulheres não são apresentadas como legítimas ou "credíveis" nos trabalhos maioritários. A lógica do universal produz um particularismo no qual as mulheres são assignadas: uma escala que as impede de ser uma alternativa credível (SANTOS, 2002).

b) Invisibilizar as mulheres como sujeitas conhecedoras

Já em 1995, Hecht denunciava os preconceitos dos investigadores em agronomia em termos de género, mas também os estereótipos ligados a fatores sociais, culturais e étnicos que distorcem as suas visões e as suas compreensões do conhecimento das populações camponesas. O conhecimento da mulher rural não está integrado em trabalhos gerais sobre agroecologia, mas são transmitidos em trabalhos especificamente dedicados a este grupo social, o que o relega para o estatuto de particularismo. Deste modo, as obras gerais produzem uma "monocultura do conhecimento" (SANTOS, 2002; SHIVA, 1988) e "pessoas ignorantes" (SANTOS, 2002).

Esta lógica é frequentemente utilizada nos estudos de casos apresentados nos livros: projetos realizados por ONG, cooperativas e documentados por publicações científicas. No entanto, as representações de mulheres veiculadas nestes exemplos (por vezes únicos) podem alimentar um estereótipo de mulheres como pessoas pouco competentes.



O caso de um projeto de soberania alimentar na Nicarágua descrito em Wezel (2017) ilustra esta dimensão: "muitas mulheres dizem não saber cultivar legumes porque 'não o fazem desde a época da avó'; retratam-no como um conhecimento desenvolvido pelo projeto. Também não sabiam como resgatar sementes: a produção vegetal foi focada nas sementes que as mulheres sabem como resgatar e foram treinadas em técnicas de conservação. Não conheciam muitas formas de preparar a "nova" variedade de legumes da produção agroecológica da sua horta: as oficinas permitiam-lhes trocar as suas receitas tradicionais.

Este exemplo – único no livro - mostra a participação passiva das mulheres. Os conhecimentos, o saber-fazer e as capacidades organizacionais das mulheres são negados. Esta representação alimenta um estereótipo de incompetência, de falta de posse de conhecimentos e da necessidade de intervenção externa para avançar. A narrativa é contada por intervenientes externos (membros da ONG ou da equipe de investigação).

A posição situada da narrativa constrói uma alteridade que reforça a representação negativa. A ausência de outras referências à participação das mulheres rurais no livro constrói uma representação única das mulheres rurais como agentes não sabidas. Isto provoca um "preconceito de identidade negativo", o enfraquecimento das formas de conhecimento dos grupos silenciados e, conseqüentemente, o enfraquecimento da sua autonomia epistêmica.

c) Confinar as mulheres nos seu papel de gênero

Finalmente, o terceiro preconceito identificado na literatura é o confinamento das mulheres rurais a tarefas relacionadas com o papel de gênero asignado socialmente, ou seja, a representação das mulheres rurais com preocupações e tarefas exclusivamente relacionadas com a esfera reprodutiva.



Não se trata de dizer que as mulheres rurais estão desprovidas destas preocupações ou não assumem este papel. Trata-se de realçar os efeitos de uma representação única das mulheres rurais que alimenta estereótipos ou assignações numa ordem social desigual.

Veja-se o exemplo recente de Altieri e Rosset. Destacam a invisibilidade das mulheres, registando as denúncias das feministas científicas e da sociedade civil. No entanto, a sua menção à participação das mulheres reafirma esta assignação de gênero. As motivações das mulheres são interpretadas de forma monossémica: se se dedicam à agroecologia, é por razões de cuidado para as suas famílias:

« Mais recentemente, muitos **autores** observaram que as mulheres camponesas e agricultoras são frequentemente as protagonistas visíveis ou invisíveis dos processos de transformação agroecológica, participando num autêntico "feminismo camponês e popular", como afirma *La Via Campesina* (Siliprandi 2015; Siliprandi y Zuluaga 2014). As mulheres assumem papéis de liderança pública numa série de processos de movimentos sociais, embora estejam frequentemente sub-representadas em comparação com os seus *compañeros* masculinos. No entanto, mesmo quando o seu papel não é visível, olhando para trás dos processos de transformação agroecológica bem sucedidos, são geralmente as mulheres das famílias camponesas que têm incentivado a cessação do uso de pesticidas perigosos e promovido a produção de alimentos saudáveis: **as mulheres preocupam-se com a saúde e a nutrição das suas famílias.**²² (ALTIERI ET ROSSET, 2018a : 98)

Destacamos a forma masculina do termo "autores", enquanto a referência citada é de duas autoras, uma generalização para o masculino mesmo quando se refere especificamente às mulheres. Estas mesmas autoras sublinharam ainda a participação política das mulheres agricultoras na agroecologia, uma dimensão ignorada por Altieri e Rosset. No entanto, Carmen Deere tem vindo a documentar o envolvimento das mulheres rurais na luta pela reforma agrária e

²² Os grifos são meus.



fundiária desde os anos 80. Maria I. Paulilo escreve há 40 anos sobre a situação e a participação das mulheres rurais no Brasil. Emma Siliprandi (2009) analisa a participação das mulheres no movimento agroecológico brasileiro, a sua construção de propostas estratégicas para o desenvolvimento sustentável e a agricultura familiar.

A isto acresce o trabalho sobre a constituição das mulheres rurais como sujeitos políticos/feministas (GALGANI, 2013, 2014; JALIL, 2013; BUTTO, 2017); a sua mobilização para políticas públicas agroecológicas (BUTTO E DANTAS, 2011; BUTTO E LEITE, 2010; HEREDIA E CINTRÃO, 2006); a sua participação em movimentos sociais envolvidos na agroecologia como a Marcha das Margaridas (AGUIAR, 2016), o MST (FURLIN, 2013; GALGANI, 2013; BUTTO, 2017), o MMC (BONI, 2012 ; CISNE, 2014; JALIL, 2018; MENEZES E GASPARETO, 2013; BUTTO, 2017), em sindicatos como o Contag (PIMENTA, 2013); a sua utilização estratégica dos canais de comercialização (BURG, 2005).

A ausência, nos trabalhos agroecológicos, de representações das mulheres como sujeitos políticos, como líderes, como conhecedoras dos sujeitos e resolvendo por si mesmas os obstáculos encontrados, tem efeitos que o feminismo há muito tem documentado.

Isto leva à interiorização de uma falta de capacidade intelectual, de conhecimentos e de saberes práticos. Invisibilizadas como atrizes e conhecedoras, não podem-se considerar como capazes, o que conduz a uma ausência/perda de autoconfiança, uma autocensura na tomada de iniciativa, autoexclusão, falta de participação e, conseqüentemente, dependência do grupo social dos homens e uma reafirmação das relações de poder e das assignações de gênero.

Esta construção da inexistência provoca uma injustiça epistêmica. Para as leitoras, esta ausência cria uma "lacuna nos recursos interpretativos coletivos [que] coloca alguém em desvantagem injusta quando se trata de prestar contas



da sua experiência social" (FRICKER, 2007:1). A ausência de representação conduz a uma falta de crença no que é possível, a uma sensação de incapacidade e um não poder. Ao não documentar as experiências, os saberes e a participação das mulheres cria-se uma falta de recursos interpretativos coletivos que podem ser mobilizados por e para todas as mulheres.

4. Considerações finais

Apesar do seu objetivo transformador para a ordem social, a agroecologia corre o risco de ser uma ciência "norma(l)cho" nas suas práticas científicas e nas representações das mulheres veiculadas nos seus escritos. Com base numa análise da literatura científica dos principais autores, identificamos a prevalência de um "efeito Mathilda" que reifica alguns autores masculinos como sujeitos legítimos da agroecologia, ao mesmo tempo que invisibiliza o trabalho das mulheres cientistas.

As lógicas da citação científica e bibliométrica está no cerne destes mecanismos. Para além de subestimar a contribuição das mulheres para a ciência, isto conduz a um "preconceito de identidade negativa" em relação às mulheres cientistas, que impede a capacidade de todo o grupo social das mulheres transmitir conhecimentos e de se representarem a si próprias como conhecedoras. No entanto, algumas alternativas apresentam a ampla contribuição das mulheres para o pensamento agroecológico.

Para além destas práticas científicas prejudiciais para as mulheres cientistas, os escritos agroecológicos podem contribuir para a produção de categorias negativas para as mulheres rurais. Foram identificados três viés na literatura: a invisibilidade das mulheres como agentes agroecológicas, como



agentes do conhecimento e o confinamento das mulheres em assignações de gênero. No entanto, a agroecologia tem um carácter evolutivo e mutável.

Os líderes trabalham no sentido de uma maior inclusão e têm uma consideração nascente mas crescente pelos trabalhos das mulheres cientistas, feministas e mulheres rurais. Parece-nos que para atingir estes objetivos transformadores, o trabalho em agroecologia requer uma ruptura com a lógica de visibilização hegemônica, tradicional na ciência convencional, e precisa trazer à luz a ausência e a desqualificação.

Em conclusão, recorde-se que o espaço científico tem um papel central na construção de alternativas: é possível fazer uma "ciência social emancipatória" (WRIGHT, 2017: 29) destinada a "produzir um conhecimento científico articulado a um projeto coletivo que desafia as diferentes formas de opressão humana"(WRIGHT, 2017: 29), pondo "um fim ao império cognitivo" (SANTOS, 2018).

Recebido em 30 de abril de 2020.

Aprovado em 16 de maio de 2020.



Referências

AGUIAR, Vilenia Venancio Porto. **Mulheres rurais, movimento social e participação: reflexões a partir da Marcha das Margaridas**. Política & Sociedade 15 (0), pp. 261-95, 2016.

ALTIERI, Miguel e Susanna HECHT. **Agroecology and Small Farm Development**. CRC Press, 1990.

ALTIERI, Miguel e Peter ROSSET. **Agroecologia ciencia y politica**. 3e ed. Sociedad Científica Latinoamericana de Agroecología -SOCLA, 2018.

ALTIERI, Miguel e Peter ROSSET. **Historia y corrientes del pensamiento agroecológico**, Agroecologia ciencia y politica. SOCLA, pp. 75-110, 2018b.

BENERÍA, Lourdes. **Reproducción, producción y división sexual del trabajo**. Ediciones de CIPAF, 1984.

BONI Valdete. **De agricultoras a camponesas**. Dissertação em Sociologia política, Universidade Federal de Santa Catarina, 253 p, 2012.

Burg Ines Claudete. **As mulheres agricultoras na produção agroecológica e na COMERCIALIZAÇÃO em feiras do sudoeste Paranaense**. Dissertação de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, 147 p, 2005.

BUTTO Andrea e Isolda DANTAS. **Autonomia e cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural**. MDA, Brasília, 192 p., 2011.

BUTTO Andrea e Renata LEITE. **Políticas para as mulheres rurais no Brasil: avanços recentes e desafios**. VIII Congreso Latinoamericano de Sociología Rural, 2010.

BUTTO, Andrea. **Movimentos sociais de mulheres rurais no Brasil: a construção do sujeito feminista**. Universidade Federal de Pernambuco, 276 p, 2017.

CHABAUD-RYCHTER Danielle, Virginie DESCOUTURES, Anne-Marie DEVREUX e Eleni VARIKAS. (dirs.). **Sous les sciences sociales, le genre: relectures critiques, de Max Weber à Bruno Latour**. Paris, Ed. la Découverte, 512 p, 2010.

CISNE Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo, Cortez Editora, 276 p, 2014.

CONNELL Raewyn. **Review of Whose Science? Whose Knowledge? Thinking from Women's Lives**. Contemporary Sociology, 21, 4, pp. 536-537, 1992.



FRANCIS, Charles, LIEBLEIN G., GLIESSMAN S., BRELAND T.A., CREAMER N., HARWOOD R., SALOMONSSON L., HELENIUS J., RICKERL D., SALVADOR R., WIEDENHOEFT M., SIMMONS S., ALLEN P., ALTIERI M., FLORA C., POINCELOT R. **Agroecology: The Ecology of Food Systems**. Journal of Sustainable Agriculture, 22, 3, pp. 99-118, 2003.

FRANCIS Charles e Alexander WEZEL. **Agroecological Practices: Potentials and Policies, Agroecological Practices For Sustainable Agriculture: Principles, Applications, And Making The Transition**. World Scientific, pp. 463-481, 2017.

FRICKER Miranda. **Epistemic injustice: power and the ethics of knowing**. Reprinted, Oxford, Oxford Univ. Press, 188 p, 2007.

FURLIN Neiva. **A perspectiva de gênero no MST: um estudo sobre o discurso e as práticas de participação das mulheres**. Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos, Alternativa, Niteroi, pp. 257-282, 2013.

GALGANI Gema Esmeraldo Silveira Leite. **Mulher Rural no Brasil: Estratégias para o Reconhecimento de Ofícios e Ação Política**. Revista Latinoamericana Pacarina, 2, pp. 122-138, 2011.

GALGANI Gema Esmeraldo Silveira Leite. **O protagonismo político de mulheres rurais por seu reconhecimento econômico e social**. Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos, Alternativa, Niteroi, p. 237-256, 2013.

GALGANI Gema Esmeraldo Silveira Leite. **Femmes en mouvement: la naissance d'une existence sociale, politique et professionnelle**. Féminin-Masculin, Editions Quæ, pp. 101, 2014.

GIRALDO Omar Felipe e ROSSET Peter. **La agroecología en una encrucijada: entre la institucionalidad y los movimientos sociales**. Guaju, 2, 1, p. 14-37, 2016.

GLIESSMAN Stephen. **Agroecology: Ecological Processes in Sustainable Agriculture**. CRC Press, 394 p, 1998.

GLIESSMAN Stephen. **Agroecology: The Ecology of Sustainable Food Systems**. CRC Press, 420 p, 2007.

GLIESSMAN Stephen . **Agroecology: The Ecology of Sustainable Food Systems**. 3rd edition, New York, Taylor & Francis (CRC Press), 384 p, 2014.

HARDING Sandra. **Whose science? Whose knowledge? thinking from women's lives**. 2nd éd, Ithaca, NY, Cornell Univ. Press, 319 p, 1991.

HECHT Susan. **The evolution of agroecological thought**, Agroecology : the science of sustainable agriculture. Westview Press, Boulder CLADES, p. 4-20, 1995.



HEREDIA Beatriz Maria Alásia de e Rosângela Pezza CINTRÃO. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Revista nera, 0, 8, p. 1-28, 2006.

JALIL Laeticia Medeiros. **Por que sem feminismo não ha agroecologia?** Fora da Curva, 21 mai 2018.

JALIL Laeticia Medeiros. **As Flores e os Frutos da Luta: o significado da Organização e da Participação Política para as Mulheres Trabalhadoras Rurais.** Dissertação de doutorado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 207 p, 2013.

MATHIEU Nicole-Claude. **L'anatomie politique: catégorisations et idéologies du sexe.** Donnemarie-Dontilly, Ed. IXe, 272 p, 1991_2013.

MENEZES Marilda A. e Sirlei GASPARETO. **As jovens do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) em Santa Catarina.** Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos, Alternativa, Niteroi, pp. 303-329, 2013.

MILARD Béatrice. **Les autocitations en sciences humaines et sociales. Pour une analyse de la dynamique des collectifs cognitifs.** Langage et société, 141, pp. 119-139, 2012.

NEVES, Delma Pessanha, et Leonilde SERVOLO de Medeiros. **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos,** Alternativa, Niteroi, 431 p, 2013.

PAULILO Maria Ignez. **O Peso do Trabalho Leve.** Ciência Hoje, 5, 28, p. 64-70, 1987.

PIMENTA Sara Deolinda Cardoso. **Participação, poder e democracia: mulheres trabalhadoras no sindicalismo rural, Políticas Públicas e formas societárias de participação.** FACHIF/UFMG, Belo Horizonte, pp. 155-180, 2013.

ROSSITER Margaret W. **L'effet Mathieu Mathilda en sciences.** Les cahiers du CEDREF, 11, p. 21-39, 2003.

SANTOS Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências.** Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, p. 237-280, 2002.

SANTOS Boaventura de Sousa. **O Fim do Império Cognitivo.** Almedina, 512 p, 2018.

SEVILLA Guzmán Eduardo. **La agroecologia como estrategia metodologica de transformacion social.** Reforma Agraria & Meio Ambiente, 1, 2, p. 4-10, 2006.



SEVILLA Guzmán Eduardo. **Sobre los orígenes de la agroecología en el pensamiento marxista y libertario.** Plural editores, 168 p, 2011.

SHIVA Vandana. **Staying Alive: Women, Ecology and Development.** Zed Books, 260 p, 1988.

SILIPRANDI Emma. **Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar.** Dissertação de Doutorado, Universidade de Brasília, 2009.

WEZEL A., BELLON S., DORÉ T., FRANCIS C., VALLOD D., DAVID C. **Agroecology as a science, a movement and a practice. A review.** Agronomy for Sustainable Development, 29, 4, p. 503-515, 2009.

WEZEL Alexander e Virginie SOLDAT. **A quantitative and qualitative historical analysis of the scientific discipline of agroecology.** International Journal of Agricultural Sustainability, 7, 1, pp. 3-18, 2009.

WEZEL Alexander. **Agroecological Practices For Sustainable Agriculture: Principles, Applications, And Making The Transition.** World Scientific, 502 p, 2017.

WRIGHT Erik Olin. **Utopies réelles.** La Découverte. 613 p, 2017